

indiferentemente as mãos e seguiu cada um para o seu lado, convencidos de estar disputando a mesma presa e jurando que não a cederiam, quaisquer que fossem os meios de conseguir a vitória.

CAPÍTULO IX

ALGUNS DIAS DEPOIS da noite em que fora tão cruelmente mistificado em casa de Bilinha, Chico Herculano apareceu certa manhã em casa do vigário. Este acabava de chegar da missa e de tomar café às pressas para ir ouvir de confissão a uma ovelha moribunda. Queria falar com Alípio? Entrasse para o quarto dele. E até logo, que não podia demorar-se.

O promotor estava sentado na rede, em pijama, a ler e a fumar. Não se ergueu, apenas fechou o livro e fez o visitante aproximar uma cadeira.

— Que temos de novo?

— Quase nada. Está pronta a denúncia?

— Ainda não. Estou esperando que venha um pouco de ânimo para afrontar essa horrível papelada. Também creio que não há pressa. . .

— Não, é bom liquidar isso porque espero novos acontecimentos para este dias. Fala-se num assalto à guarda da cadeia para soltar o Zé Pipoca. Não é a primeira vez que isto acontece. A guarda está embalada e com ordem de fazer fogo em quem se aproximar. E nós também devemos prevenir-nos. Não ande desarmado por lugares noturnos e fora de horas. Aquele miserável é capaz de tudo.

— Ora, não há de ser tanto assim.

— Aquele bandido? Já lhe disse que é capaz de tudo.

— Agradeço o seu aviso, mas não estou disposto a acabar com os meus passeios noturnos, que fazem parte essencial do meu regime higiênico.

— Bom, quem me avisa meu amigo é. Olhe que de uma emboscada ninguém se livra, e se o doutor for desfeiteado ninguém lhe tira as pancadas.

— Como quer que seja, não alterarei os meus hábitos, disse Alípio com intenção, e responsabilizo o João Ferreira perante o meu Smith-Wesson por tudo que me possa acontecer.

E apontou para um custoso revólver pendurado à parede.

— Está direito — respondeu Chico Herculano, olhando com indiferença para a arma. Depois entrou a fazer uma narrativa mi-

nuciosa de todas as façanhas do João Ferreira — surras dadas em pobres homens do povo, espancamentos na força pública, violências de toda a espécie e até mortes...

E ao passo que ele se apaixonava em desenvolver o seu libelo, Alípio, em vez de experimentar o horror que o outro procurava incutir-lhe, sentia-se tomado de simpatia e curiosidade por esse homem astuto e forte, que se fazia temer por toda uma população cônica de seus defeitos, ansiosa por escapar à sua tirania, mas intimidada intrinsecamente e incapaz de afrontá-lo peito a peito para tomar um desforço das ofensas recebidas. Sentia ter-se incompatibilizado com ele, ter-se colocado sem mais exame ao lado dos seus adversários, que, apesar de toda a força oficial em seu apoio, não conseguiam abalar-lhe o real prestígio fundamente arraigado na consciência do povo. Não dava muito tempo para que essa mesma força oficial caísse nas mãos do João Ferreira. Esse, sim, era um homem capaz de fazê-lo deputado federal... E pensando nestas coisas opostas à lengalenga do Chico Herculano, nem percebera que este acabara de falar, e continuava sentado, com uns ares de quem tinha ainda alguma coisa a dizer.

— Bem, disse por fim, à guisa de despedida, vou trabalhar na denúncia, e, quanto à integridade de minha pele, pode ficar descansado, que não lhe darei a maçada de vingar-me. O João Ferreira é incontestavelmente um sujeito fino, e a formiga sabe a folha que rói.

O chefe fez o mesmo gesto que deve ter feito Pilatos quando lavou as mãos, mas não se resolvia ainda a partir, como era o ardente desejo de seu interlocutor. Estava-se vendo que o homem não esvaziara de todo o saco e não achava jeito de fazê-lo habilmente.

Afinal desembuchou:

— Outra coisa, doutor. É ainda como amigo que lhe falo e previno-o em tempo para poupar-lhe desgostos mais tarde... Correm por aí certas histórias... O doutor sabe o que é terra pequena... Então esta em matéria de intrigas e mexericos... Entendi que já é tempo de falar-lhe francamente...

— Basta de exórdio, coronel, interrompeu Alípio, mal contendo a sua impaciência; vamos ao caso.

— Não vá tomar isto à má parte; é simplesmente como amigo que lhe toco nisto. O Asclepiades já se entendeu comigo a este respeito há muitos dias, mas eu não liguei importância. Mas a coisa está tomando tais proporções...

— Oh! homem, desembuche, com mil bombas.

— A cidade está cheia de umas histórias bastante desagradáveis em que estão envolvidos o doutor e D. Bilinha. Nesta terra não se

pode freqüentar a casa de uma senhora sem dar logo que falar às más línguas... O fato é que dizem horrores de sua amizade com a professora... Já houve mesmo quem retirasse os filhos da escola. Aqui a pessoa mais inocente do mundo caindo na boca da Feira, está pronta...

Alípio ouvia-o numa irritação crescente, certo de que ele dizia a verdade, mas aproveitava-se dela para servir a recônditos intentos.

— Ah! é isso! Sinto muito dizer-lhe que não estou disposto a submeter-me aos caprichos dos maldizentes. Deixo-os ladrar à vontade; comigo é perder tempo.

— Perfeitamente, não se deve dar ouvidos a essas misérias. Mas, mesmo por amor de D. Bilinha, que é uma professora e pode ficar mal vista pelos pais de família... Já saíram duas crianças do Mariano...

— Esse marchante, não? O tal que vive com uma mulher casada? *La moralité, où va-t-elle se nicher!*

— É para o doutor ver! replicou o chefe, tentando interpretar o francês com essa frase vaga. Isso é propaganda do João Ferreira. Dentro em pouco só ficarão os filhos de alguns amigos nossos.

— Está muito atrasada a sua terra, Sr. coronel! Isto tem nome de cidade, mas não passa de uma reles aldeia! Então, não pode um rapaz freqüentar a casa de uma senhora porque entendem os senhores pais de família que isso deita a sua prole pelo caminho da perdição! Ah! Ah! Súcia de idiotas! Tartufos!

— Ora, não precisa zangar! Pela minha parte, apenas cumpro um dever de amizade pondo-o de sobreaviso. Bem sabe que não duvido de sua seriedade e muito menos da de D. Bilinha, que é uma moça distintíssima. Mas aquela gente da Feira não respeita a ninguém.

— Então, o Asclepiades falou-lhe a este respeito?

— Falou, e queria falar também ao Sr. vigário; mas eu lhe disse que não o fizesse.

— Ah! também queria falar ao meu tio? Francamente, esse Sr. Asclepiades está se intrometendo na minha vida muito mais do que eu desejaria! E se eu gostar mesmo da professora? acrescentou, fixando bem o Chico Herculano. Se eu quiser, por exemplo, casar com ela? Creio que não há lei obrigando as professoras ao celibato... Então eu não posso gostar dela senão com más intenções? Ao senhor, como inspetor escolar, autorizo a declarar ao Asclepiades e a outros pais de família sobressaltados que estou realmente apaixonado por D. Bilinha e que penso, embora vagamente ainda, em pedi-la em casamento. Creio que isto será bastante para tranqüilizar os lares de Ipuçaba, inclusive o do Mariano e da amásia.

Chico Herculano percebeu bem o que vinha nestas palavras com endereço à sua pessoa e ao Asclepiades, e estava atordoado com a saída de Alípio, sem saber se ele falava sério ou não. Casar com a professora! Desta não se tinha lembrado! E a menina do Asclepiades? Diabo de pracionos! Ninguém sabe por onde lhes pegue! O Asclepiades ia cair das nuvens! E os seus projetos de conquista? Que trapalhada!

— Sendo assim, disse afinal, levantando-se para sair, nada há mais que dizer.

— Pois é isto: gosto dela e vou pedi-la em casamento com o prazo de três anos, pois primeiro preciso arrumar a vida. Logo que sair daqui vou arranjar a sua transferência para a Capital, onde ela estará ao abrigo da maledicência destes botocudos e destes bo-degueiros imbecis.

— Bom, até logo.

— Até logo.

A irritação de Alípio cedera lugar à satisfação de ter pregado essa peça ao seu rival e ao seu sogro em perspectiva. Magnífica pilhéria! Ia ficar tudo de rabo entre as pernas, como cachorro escorraçado. Agora estava com os movimentos livres; não havia mais a tolerar a espionagem disfarçada do Chico Herculano, nem a ciumada impertinente do Asclepiades. Havia de contar tudo à Bilinha... Mas não: isso seria fazer-lhe conhecer uma situação que ela ignorava ainda provavelmente, e tal conhecimento iria aterrorizá-la e prejudicar muito o progresso daquele idiliozinho tão bom e que prometia tanto.

Depois chegou à janela da frente e pôs-se a olhar para aquelas ruas mesquinhas, desertas e sonolentas já sob o sol matinal, que as redourava magnificamente, fazendo-as ressaltar com um destaque cru na transparência absoluta do ar e do tapete verde do capim, que em certos pontos tinha um brilho velado de opala, perlado ainda da orvalhada da noite. Em outros pontos o mata-pasto invadira tumultuariamente as ruas e alastrava num vivíssimo esteiral verde, já salpicado aqui e ali de pequeninas flores de ouro, subindo até aos joelhos aos raros transeuntes que passavam pelas veredas quase indistintamente conservadas através da folhagem vitoriosa, ondulante e ála cre. Uma casa em ruína, com o vigamento negro a mostrar-se através dos grandes rombos das paredes, fora invadida por uma cabaceira que se desdobrava prodigiosamente em mil ramos montantes, colmando-a de um verde intenso, manchado de campânulas alvas e tremulantes. E tudo aquilo dava uma impressão ao mesmo tempo de abandono e de força selvagem, surgindo reivindicadora e potente, por sobre a decadência da obra dos homens, e tudo era

triste e desolado apesar da rutilância do sol e da pompa soberana do verde.

Faltava à paisagem a nota animadora da figura humana, o susurro febril da multidão, o estridor dos veículos, enfim toda a manifestação dinâmica da vida civilizada de que carece o filho da cidade, como para ensurdecê-lo aos íntimos clamores de sua ansiedade em meio aos recontros da luta pela vida.

Naquele momento Alípio compreendeu bem a vida moral desses pequenos agrupamentos humanos, despojados da monótona serenidade das vivendas rurais, da rude singeleza do isolamento bucólico e imbuídos de uma filauciosa pretensão a sociedade culta, com a sua estreiteza de preocupações intelectuais, com o seu ambiente intoxicado de maledicências comadrescas, onde se agitava um número exíguo de figuras conhecidas, sempre as mesmas e cada qual sabedora das menores particularidades da vida das outras.

Agora compreendia e fazia justiça à conduta do Gomes da Costa, um náufrago da glória, que se acolhera a uma fazenda ao lado de uma mulher inculta e virtuosa, numa renúncia passiva e resignada a todos os sonhos de ambição e de renome, não vindo àquela aldeia irritante e ridícula senão intimado pelos estritos deveres de seu cargo. E só agora compreendia também a satisfação com que Florzinha partira para a Varjota, onde só havia uma casa, árvores, currais, gados e o rio. E por lá andava também o Matias, um animal fraco e romanesco que fugia para o campo por não ter coragem de abrir caminho através desse torvelinho dos grandes centros, que tanto fascinava o seu espírito ambicioso e ousado.

Então pensou em pôr termo ao sacrifício que estava fazendo às vontades do tio. Iria embora quanto antes; seu tempo começava a tornar-se por demais precioso para desperdiçá-lo com aqueles matutos excessivamente rasteiros para servir-lhe de escada. Esse João Ferreira seria o seu homem se pudesse aproveitar a força da superior vontade pela qual construíra com o lixo de sua consciência esse baluarte de prestígio contra o qual nada podiam os seus simplórios adversários. E era um matuto ignorante, sem nenhuma noção filosófica das coisas, apenas servido por uma intuição maravilhosa da arte de dominar os homens. Noutro meio, com outros recursos de cultura, daria um poderoso centro de força social. Sobre aquele modelo rústico bem podia traçar um programa de conquista. Egoísmo, ceticismo e audácia, tais são os três ângulos sobre os quais a inteligência se levanta para apoderar-se da massa fetichista da turba ignara. E sondando-se satisfeitamente, Alípio se sentia forte para vencer, para mudar.

E a sério agora atribuía a si o destino traçado pelo poeta ao Novo Mundo:

Talhado para as grandezas,
Pra crescer, criar, subir...

versos que costumava declamar aos colegas da Faculdade com galhofeira prosápia. Tomaria esses dois versos para divisa sua. Ia-se embora. Mas poderia fazê-lo tão rapidamente quanto desejava? Falaria positivamente ao tio, pedindo recursos para a sua viagem ao Rio, onde o remoinhar dos acontecimentos estava a desafiar a audácia de um ambicioso com um pouco de massa cinzenta. Sim, naquela semana mesmo falaria ao tio.

Por enquanto iria gozando calmamente a companhia de sua “noiva”, porque estava certo de que até à noite já toda a gente em Ipuçaba o consideraria noivo da professora. Fora uma excelente inspiração: arrolhava a opinião pública, castigava a intrujice impertinente do Asclepiades e manietava o Chico Herculano, quer como rival, quer como inspetor escolar.

A verdade, porém, é que o chefe republicano não tomara a sério as palavras do bacharel e não as transmitira a pessoa alguma. Ao invés disso, estava disposto a continuar a sua fiscalização no duplo caráter em que Bilinha o interessava e a solicitar abertamente a intervenção do vigário, quando a coisa tivesse atingido a uma publicidade comprometedora no espírito da população. Desde então era quase infalível a sua presença na casa da professora todas as noites, do meio para o fim do víspera, e em suas faltas aparecia Casimiro, que tacitamente compreendia a sua missão e a desempenhava com uma serena impudência, muito ao sabor de sua índole insidiosa de intrigante temido.

Alípio percebia com surpresa e com uma irritação surda e crescente a espionagem dissimulada de que era alvo, e por esforço procurava burlá-la, aproveitando todos os ensejos para precipitar a obra de sedução em que sua animalidade exigente e exasperada se empenhava, cega a qualquer sugestão de piedade para com a rapariga e de respeito a toda a espécie de conveniências. Já que não haviam dado crédito à pilhéria de seu casamento com a professora, também não se importava de que percebessem as suas verdadeiras intenções, que, filhas a princípio de um frio cálculo de libertino, se haviam tornado por fim um querer imperioso e febricitante, uma obsessão de seu sentido erótico, exaltado pelas dificuldades estranhas.

Seu temperamento, demais, sentia-se à vontade em qualquer situação com caráter de luta, e, definido o fim a atingir, entrava a servir-se indiferentemente dos meios a empregar para vencer.

Desde muitos dias não se lembrava um só instante de Florzinha. Foi uma carta de Matias que lha tornou lembrada, fazendo por alguns instantes desviar-lhe o pensamento da outra, que despoticamente o empolgara. Matias estivera numa festa, na Varjota, um terço com aluá e danças “até pegar-se o sol com a mão”. E lá ia quase todos os dias para sair à caça ou à pesca no rio com o primo de D. Florzinha,

um rapagão sacudido e rude, perito em todos os exercícios corporais, afoito para todos os perigos e tímido como uma criança perante as pessoas de educação diferente.

O resto da carta era um hino de infantil entusiasmo pelo campo em plena exuberância de vida

— tudo verde, tudo florido, tudo luminoso, tudo balsâmico: Ceres e Flora davam-se as mãos para engalanar o sertão com as suas alfaias mais ricas, com os seus atavios mais deslumbrantes.

Ouvi falar de sua vinda até cá, e espero-o ansioso para contemplarmos juntos o edêneo espetáculo da natureza em festa.

Alípio já nem se recordava do convite do capitão Galdino e da promessa que lhe fizera de passar uns dias na fazenda.

E o único pensamento que lhe inspirou a carta foi anunciar esse passeio a Bilinha, para tirar partido de uma possível manifestação de ciúme. Involuntariamente, pôs-se a pensar em Florzinha, achando uma sonoridade estranha, uma frescura maviosa no seu nome, intercalado indiferentemente naquela missiva impregnada da poesia do campo. Evocava a sua figurinha ingênua e doce em meio àquele cenário de madrigal, na livre expansão da sua puberdade alegre e vigorosa, sem esse constrangimento exercido nas naturezas tímidas pelo recato hipócrita das cidades. Estava com uma como saudade de seus olhos cândidos, de seu rostozinho rosado, infantil ainda, e onde seria divinamente grato colher um beijo, sem malícia, naturalmente, como se colhe de passagem o fruto de uma planta criada por Deus para regalo dos homens. Por que haviam estes de torturar a si mesmos, arquitetando essa moral opressora e mesquinha, tão contrária aos instintos, tão incompatível com as leis naturais que regem a missão natural da espécie? Por uma exigência da civilização? Mas, a civilização requintada coexiste sempre com o que se chama a dissolução dos costumes. Nas grandes cidades onde as ciências, as artes e as indústrias chegam ao seu máximo desenvolvimento, a tendência para o amor livre é tão pronunciada como nas agrupações primitivas, salvas as aparências que se mantêm de alguma forma pela força da tradição, transmitida de geração em geração, graças à hipocrisia todo-poderosa. Em substância um amante

amado é mais legítimo do que um marido que se tolera para ter uma posição respeitável na sociedade. Quantas mulheres não se entregam como esposas a homens que não quereriam para amantes? E como ter um homem a certeza de que a mulher a quem se liga por casamento o ama verdadeiramente, o prefere a qualquer outro, o escolhe entre todos por uma seleção genuína do seu instinto?

Alípio embrenhava-se cada vez mais nas lucubrações filosóficas de libertino insubmisso, quando o tio entrou, de volta da confissão. Notou-lhe uma expressão de pesar no semblante sempre desanuviado e franco. E durante o almoço conservou-se o sacerdote desusadamente silencioso, como esquecido de sua presença ali, evitando fitá-lo e comendo sem aquela satisfação de bom comedor, que era.

“Temos mouro na costa”, pensou Alípio, e induziu prontamente que o tio estivera com Asclepiades a falar de coisas que lhe diziam respeito.

Já à sobremesa, o padre falou, mas num tom mal seguro de homem simples que não sabe dissimular as suas preocupações:

— Quando pretendes ir à Varjota?

“Cá está o rabo do gato”, pensou Alípio; e replicou com uma perfeita naturalidade:

— Qualquer dia depois de pronta a denúncia.

— Pois anda com isso, porque o capitão Galdino tem de vir com a família aqui para as últimas novenas do mês mariano.

— Vamos então para a semana; é só o cavalo chegar à porta.

— Bom, bom. Cuida do teu trabalho.

O velho estava positivamente sob a ação de uma confiança do Asclepiades. Pois iria à Varjota. Que lhe poderia acontecer? A menina parecia querer fazer-se rogada, e ele não queria absolutamente rogá-la. E se as coisas se encaminhassem no sentido de forçar-lhe a mão — pôr-se-ia ao fresco, diria positivamente, peremptoriamente — não quero! — e estava tudo acabado. Ah! conhecia-se bem para rezear uma crise da sua vontade inflexível.

Nessa noite foi para a casa de Bilinha numa excitação que reclamava sensações fortes, expansões brutais e implacáveis. Sentia-se com uma gana cruel de conspurcar, de insultar, de bater. Se lá estivesse o Chico Herculano havia de escandalizá-lo, de pô-lo em fuga sem contemporizações, e, quanto ao Casimiro, mandava-o francamente raspar-se, ainda que fosse preciso puxá-lo pela gola do paletó. E se encontrasse o Asclepiades havia de consultá-lo ironicamente sobre o seu casamento com a professora.

Lá só encontrou a Benvinda e o Venâncio, mas esses em nada o estorvavam e até predispunham as coisas favoravelmente. Como pensar e sentir com elevação ao lado desse casal plebeu, e sobre-

tudo da Benvinda, que procurava ocasião para divertir a companhia com os seus descomedimentos, menos nocivos aliás que a larga tolerância do Venâncio, que batia algumas objeções da mulher com a transcendente afirmação de que isso não era “coisa do outro mundo”, e, demais, se a mãe dela fingia não ver, é porque tudo devia ser assim mesmo.

D. Maria Lina, com efeito, percebia claramente a situação da filha e não tinha mais dúvida sobre o desfecho. Desde as primeiras visitas previra, como antiga conhecedora, que ela não havia de brincar impunemente com esse, mas encarava o funesto desenlace com uma indiferença budista pelas fatalidades do destino comum a todas as mulheres de sua família, as quais, sem exceção de uma só se haviam desencaminhado. A filha, nem por ter tido outra educação e vivido no meio de outra gente, escaparia ao fado ruim que no berço as marcava para “a vida”. A velha contava, pois, que, mais dias menos dias, se havia de cumprir na filha a sorte de sua gente, e até estimulava: o que tinha de vir viesse logo, para desferrar-se do desprezo com que ela a tratava por causa dos seus passados erros. Aquele doutorzinho tinha “pinta no olho” e havia de “quebrar-lhe a castanha no dente”.

O jogo começou cedo naquela noite. Além dos habituais de todos os dias, tinham vindo também um velho casal da vizinhança e duas filhas, a quem Bilinha estava ensinando trabalhos de agulha. Alípio, como de costume, sentou-se à ilharga da professora, e divertia-se em puxar pela Benvinda, em cujas saídas repentinas e de um gosto equivoco, achava uma graça irresistível. As duas mocinhas, timoratas e bisonhas, contraíam-se como sensitivas e ofereciam uma constante mudança de cores nos rostos curvados sobre os cartões.

Logo à primeira partida, Bilinha mostrou-se tão distraída que uma das mocinhas teve de observar-lhe:

— Olhe que a senhora não marcou o 26.

— É verdade! Que cabeça a minha! — disse ela com um sorriso enervado, marcando o ponto com um forte tremor da mão.

Benvinda parecia concentrar toda a sua atenção para os números negros, sobre os quais ia estendendo linhas de grãos de milho. Alípio, só com uma das mãos visível, marcava os pontos pelo processo especial, que consiste em indicar os ternos e quadras com uma simples pedra colocada à margem do número, e isso muito impressionava a mocinha ao lado, não conhecedora desse sistema usual dos jogadores peritos.

Só Bilinha não aparentava calma, nem se interessava pelo jogo, e por mais duas vezes uma das mocinhas chamou a sua atenção

para pontos que ela não marcara. Alípio quinava freqüentemente nos seus cinco cartões.

— Este homem é um aborto de felicidade! comentava a Benvinda com a sua voz rasgada e grossa. E é feliz em tudo, tanto no jogo como nos amores.

— Falasse a senhora pela boca de um anjo, D. Benvinda! Sou justamente a prova da verdade do ditado: feliz no jogo... Olhe, não tenho uma só namorada numa terra onde há tanta moça bonita.

— Morda aqui! O doutor fala mas é de papo cheio. Eu, se fosse moça, não quereria vê-lo nem pintado.

— Como é injusta assim para um poço de virtudes como eu! Não sabe que estou com vontade de professar num convento de frades?

— Só se for num convento de freiras.

Riram todos, menos as mocinhas, que, com os olhos pregados nos cartões e as orelhas em fogo, temiam alguma das conhecidas inconveniências da Benvinda.

Houve lá fora um súbito chiado de folhas e no telhado caíram com força grossos pingos de chuva. Um relâmpago vivo incendiou a treva espessa da rua.

— Não posso molhar-me, declarou a Benvinda, e vou-me moscando enquanto não vem o aguaceiro.

— Ora, isto passa, é só uma nuvem, — objetou Venâncio interessadíssimo no jogo.

— Qual nuvem, qual nada, vamos embora.

O velho e as duas mocinhas também se dispuseram a sair. Um novo relâmpago mais forte fuzilou, e um trovão reboou com um estrondo sinuoso e cheio. D. Maria Lina, que tinha um terror invencível às tempestades, procurou o seu quarto logo que os parceiros debandaram já sob uma chuva nutrida e roncante.

E o tempo passava, os trovões redobravam de fragor, foram depois enfraquecendo, espaçando-se, fugindo no seio da nuvem arrasada para além pelo vento, a diluir-se em lágrimas, a estertorar entre rugidos de fera combalida. E, passado o susto, a velha esperava ouvir a cada instante os passos do doutor a retirar-se, o bater da porta, o entrar da filha no quarto. E nada. O relógio da escola deu horas; contou-as uma a uma: onze. E o doutor não saía, e as portas não se fechavam. Atentava o ouvido e só de longe em longe lhe chegava um sussurro abafado, sem o qual julgaria a sala deserta.

Uma curiosidade ardente, uma ansiedade estranha, de envolta com uma suspeita, alastrou-se em sua mente como um desses relâmpagos que ainda coruscavam no espaço. Que estaria a passar-se além daquelas paredes? Então não se conteve mais, ergueu-se, e pé ante pé

veio vindo pelo corredor, parou à porta do quarto, escutou: nada. Penetrou no quarto, tirou com infinitas cautelas a chave da fechadura, olhou pelo buraco: ninguém na sala. Afoitou-se mais, abriu a porta, passou à sala. A janela estava encostada, a meia-porta fechada. Ficou alguns instantes interdita, procurando uma explicação da ausência das duas criaturas. Teriam fugido? A idéia de ficar abandonada fê-la estremecer de terror e de ódio. E os seus olhos a perscrutarem a casa fixaram-se na porta da sala da escola. Uma forte pancada do coração acompanhou a súbita convicção que lhe nasceu no espírito ao descobrir a um canto, atrás da porta que abria, o chapéu do doutor posto sobre a bengala.

A porta da escola estava apenas cerrada; via-se, pela bandeirola, que não havia luz lá dentro. Na ponta dos pés aproximou-se dessa porta, e pela estreita frincha o seu ouvido sábio apreendeu rumores que não deixavam dúvida.

A velha escutou bem, certificou-se bem, endireitou-se, teve um sorriso feroz, e, com o passo balanceado de uma leoa decrépita, afastou-se e foi pelo corredor afora a arrastar os chinelos e a monologar em voz alta:

Ora, até que afinal chegou a tua vez, minha donzelinha das dúzias! Agora vai acabar-se o meu cativeiro. De hoje em diante hás de abaixar a grimpa diante de mim! Ah! ah! Mulher de nossa raça não mente fogo... Eu sabia que havias de cair também, mesmo com a tua proa e com a tua sabença... Já não hás de sentir tanto desprezo e tanta vergonha de tua mãe, a quem tratas como a uma cadela. Agora falaremos de igual a igual... Tão bom como tão bom! Muitas felicidades, senhores noivos! Estejam à vontade, e até amanhã.

E entrou no seu quarto, puxando a porta com estrépito e fazendo a chave ranger com força na fechadura.

CAPÍTULO X

AO ACORDAR alta manhã, sem a consciência exata de ter dormido, antes com a sensação de febril fadiga que deixam no corpo as flagelações da insônia, o sentimento da realidade veio a Bilinha no mesmo instante, tão depressa quanto seus olhos encontraram a claridade intensa coada através da telha-vã da alcova, desenhando nos interstícios carreiras de agudos e rutilantes punhais de fogo. Alguma coisa testemunhava dolorosamente a realidade de que ela no primeiro momento ainda pudera imaginar um sonho mau tantas vezes sonhado em sonos, durante os quais se prolongava até o extremo